

Negociação informal com o Clube de Paris

por Getulio Bittercourt
de Nova York

O governo brasileiro armou a terceira parte de seu tripé externo com a abordagem do Clube de Paris, que vem somar-se à renegociação da dívida de cerca de US\$ 60 bilhões com os bancos comerciais e ao acordo "stand-by" com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

"Nossa intenção não é começar formalmente a negociar com o Clube de Paris agora", explicou a este jornal o presidente do Banco Central do Brasil (BC), Ibrahim Eris, "mas sim iniciar contatos informais. Nossa preocupação é com o fato de essa negociação com o Clube ser normalmente demorada. Então, queremos deixar tudo mais ou menos encaminhado para que a negociação formal, após o acordo com o FMI, seja mais rápida." Foi isso que a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, conversou com o secretário executivo do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, num intervalo do encontro do comitê interino do Fundo em Washington, sob o testemunho de Jacques Delarosiére, o antecessor de Michel Camdessus como diretor-

gerente do FMI. Ambos apoiaram a idéia.

Eris acrescentou que, depois de definidas as regras gerais com o Clube, seguem-se negociações bilaterais com os países credores para acertos específicos. Neste ponto, a ministra Zélia tem sido mais agressiva, lembrando que a redução da dívida oficial da Polônia efetivamente abre um precedente que o Brasil vai explorar, embora sem pedir o mesmo nível de 50% de abatimento obtido pelo governo de Lech Walesa. Tanto a ministra Zélia quanto o presidente do BC enfatizaram em suas conversas nos EUA a disposição do presidente Fernando Collor de Mello de tirar rapidamente a questão da dívida externa brasileira da pauta.

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, pretende romper com a posição ortodoxa do Fundo Monetário Internacional (FMI). A idéia é negociar para o País um acordo centrado mais na intenção das políticas monetária e fiscal do que em metas nominais, fugindo, com isso, dos níveis de inflação que fundamentam o acordo "stand-by" com o FMI.